



## Na tessitura da experiência: notas sobre o *fazer editorial* na Revista *Áskesis*<sup>1</sup>

Thalles Vichiato Breda<sup>2</sup>

Ana Carina Sabadin<sup>3</sup>

### O artesanato editorial

Este relato de experiência visa aproximar leitores e leitoras do *fazer editorial* de uma revista acadêmica – um alcance que, à primeira vista, nos parecia simples. Durante dois anos e meio, estivemos à frente da equipe editorial da *Áskesis* – Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, o que nos permitiu apreender parte do léxico da editoração, das regras e códigos desta ponta da divulgação científica.

Perpassar o fluxo de um texto das etapas de submissão à publicação implica em destrinchar as etapas de *desk review*, designação de pareceristas, avaliação, edição do texto por parte dos autores e autoras, nova rodada de avaliação, revisão de gramática e ABNT, diagramação, leitura de prova e publicação<sup>4</sup>. Cada uma delas, por sua vez, é preenchida por um conjunto de pequenas outras etapas que dependem de contribuições e *expertises* diversas. Enfrentam ademais, desvios de rota, idas e vindas, encontros e desencontros entre prazos, avaliadores e e-mails.

Assim, o *fazer editorial* também acontece fora dos contornos desse fluxo de avaliação. A revista precisa circular para atrair submissões e cumprir sua função de divulgar a produção científica. Compreender o que é o *Qualis* Periódico e como funcionam os indexadores e o *Digital Object Identifier System* (DOI) entraram na lista dos nossos desafios logo de início, junto a outras tantas tarefas que não estavam detalhadas em tutorial algum.

“Gerir” todo esse fluxo de desvios, mãos e ideias, ao longo de nossa travessia enquanto editor-chefe e editora na *Áskesis*, aos poucos, demandava estratégias que ultrapassassem a apreensão do léxico, das regras e códigos. Existe uma dimensão prática, da experiência, das tentativas de encaixe e desencaixe de peças que conectam essas etapas. Um ofício que é minucioso e, feito um artesanato, se faz em seu exercício – como bem nos ensina Wright Mills (1982), sociólogo que nos inspira na construção desta reflexão.

<sup>1</sup>Agradecemos os editores e as editoras da Revista Ensaios pela oportunidade de construirmos esta reflexão, aos/ às nossos/as colegas da equipe da *Áskesis*: Ana Carolina dos Anjos, Eduardo Rossler, Fernando Guimarães, Jade Cavalli, João Pedro Volante, Karina de Camargo, Milena Silva e Roselene Breda pela dedicação e parceria e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFSCar pelo apoio.

<sup>2</sup>Foi editor chefe da *Áskesis* entre abril de 2019 a setembro de 2021. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, São Carlos, SP e Doutorando em Arquitetura e Urbanismo da Bauhaus Universidade de Weimar, Alemanha. E-mail: [thallesvbreda@gmail.com](mailto:thallesvbreda@gmail.com).

<sup>3</sup>Foi editora da *Áskesis* entre abril de 2019 a setembro de 2021. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. São Carlos, SP. E-mail: [acsabadin@gmail.com](mailto:acsabadin@gmail.com).

**COMO CITAR:** BREDA, Thalles Vichiato; SABADIN, Ana Carina. “Na tessitura da experiência: notas sobre o *fazer editorial* na Revista *Áskesis*”. In: Revista Ensaios, v. 19, jul.-dez., 2021, p. 141-153.

<sup>4</sup>A *Áskesis*, desde sua criação, é divulgada em meio digital. Sendo assim, seu processo editorial dispensa algumas etapas quando comparado ao das revistas impressas. Sobre as diferenças entre editoração impressa e digital, consultar Gruszynski, Golin e Castedo (2008).

Amparando-nos nas experiências cultivadas desde essa nossa travessia, é que propomos discorrer sobre o *fazer editorial*. Nesse sentido, não traçamos uma discussão instrumentalizada sobre a gestão editorial de uma revista discente – pelo contrário, partimos de situações mais concretas, buscando apresentar os entraves e as saídas encontradas no tecer dessas experiências.

## O universo editorial discente e a *Áskesis*

as·ce·se (Etimologia grega: *áskēsis*)

sf

1.FILOS. Na concepção clássica, conjunto de normas práticas de conduta que, com rigorosa disciplina e abstenção de qualquer autoindulgência quanto aos prazeres do corpo e do espírito, possibilitariam alcançar o fortalecimento intelectual na busca da verdade, de forma a atingir o ideal grego de perfeição. (Dicionário online Michaelis, n.p.).

As revistas acadêmicas são um dos principais meios tradicionais de divulgação científica<sup>5</sup>. Como apontado por Silva (2006), a divulgação científica nasce junto com a própria ciência e, no caso dos periódicos científicos, é justamente o processo de divulgação via periódicos que garante legitimidade e certa circulação entre a sociedade, como apontam Gruszynski, Golin e Castedo (2008, p. 4):

O periódico científico, no processo de comunicação da ciência, funciona como uma das instâncias de consagração. Ao atuar como um filtro seletivo, reproduzindo as sanções e exigências próprias do campo científico, confere valor às pesquisas e as situa no seu grau de originalidade em relação ao conhecimento já acumulado em determinada área do conhecimento.

Parte fundamental deste processo é a revisão às cegas por pares (*double-blind peer review*), que visa construir uma legitimidade do que se entende por ciência contemporaneamente. Em outras palavras, um estudo ganha uma legitimidade científica quando reconhecido pelos pares no processo de editoração. Para realizar tal tarefa, é preciso colocar em prática a *áskesis*, não no sentido estrito e positivista da busca pela “verdade”, mas como um conjunto de normas e práticas de condutas que, com rigorosa disciplina e metodologia, nos possibilitem alcançar o fortalecimento intelectual e científico. É neste sentido que, em

<sup>5</sup> Podemos compreender que a divulgação científica, longe de representar um tipo específico de texto, diz respeito à forma como o conhecimento científico é produzido, formulado e como ele entra em circulação em um grupo social ou na sociedade. Neste emaranhado, há todo um conjunto de representações e valores sobre a própria ciência, os textos que são compreendidos como científicos e a produção de todo um imaginário que diferencia e legitima um conhecimento em relação a outro (SILVA, 2006).

2012, um grupo de discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar construiu a revista *Áskesis*, visando fortalecer o campo científico da Sociologia e áreas afins, também entre os estudantes.

É válido pontuarmos duas circunstâncias especiais que colaboraram para sua fundação. A primeira insere-se na temática citada, a busca pela produção, divulgação e legitimidade científica, no caso, do então recém-formado Departamento e Programa Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, que completava cinco anos na época. Um ano antes da criação da *Áskesis*, o corpo docente lançava também a *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. Dessa forma, a inauguração de uma revista discente ajudaria a ampliar as formas de divulgação dos trabalhos ali produzidos e colaborar, ademais, com sua consolidação. Como apontado por Gruszynski, Golin e Castedo (p.4, 2008):

[...] as revistas são utilizadas como indicadores para avaliação de cursos de pós-graduação, concessão de bolsas, progressão funcional, entre outros. Atuam como índices nos sistemas de julgamento que configuram as estruturas institucionais de pesquisa e, conseqüentemente, dos mecanismos decisórios de poder e distribuição de verbas destinadas a ela.

A segunda circunstância, de caráter mais amplo, refere-se ao contexto político vivenciado no país, o período Lulista (SINGER, 2012), que possibilitou a expansão da Ciência brasileira. Como mostra Zanlorenssi e Sousa (2021), entre 2005 e 2015, tal expansão dá-se pelo aumento gradual de investimentos destinados à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Em contrapartida, com os governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro, os investimentos caíram rapidamente, levando assim o orçamento de 2021 (3,6 bilhões de reais), já considerando a inflação, a apresentar um encolhimento de 73,4% em relação ao orçamento de 2015. Neste sentido, é importante frisar como o contexto político tem forte capacidade de interferir nos mecanismos de produção e divulgação científica.

Um dos desafios para o bom funcionamento de uma revista acadêmica perpassa, portanto, a escala macro, como financiamento

federal às ciências e às universidades, como por negociações das fatias orçamentárias dentro do próprio departamento ou instituto, que variam de gestão para gestão. Imersos nessas circunstâncias, os recursos financeiros destinados à Áskesis também sofreram oscilações. A estratégia dos discentes, frente a isso, consistia em assumir voluntariamente as tarefas complementares ao fluxo de avaliação dos artigos, tais como a diagramação, a revisão gramatical e de ABNT.

Atualmente a revista é composta por onze membros, sendo eles divididos entre os cargos de editor-chefe, assistente editorial, editor de seção, revisoras textuais, coordenadora de comunicação, assistente de arte e comunicação e coordenadora de eventos. Entretanto, a participação dos discentes do PPGS/UFSCar não se restringe à equipe editorial. Há uma preocupação constante para que alunos e alunas se envolvam de outras maneiras, haja vista que manter o funcionamento de uma revista acadêmica requer a contribuição de mãos e ideias externas à equipe editorial.

No ano de 2019 e 2020, por exemplo, incentivamos a participação de discentes na composição do corpo de pareceristas e na organização de dossiês por meio de editais. Nesse período, contamos com 25 pareceristas do corpo discente do PPGS/UFSCar; e, para os dossiês, oito discentes dividiram-se na organização de três dossiês. Além disso, há uma participação no tocante à publicação na revista: em levantamento realizado entre 2017 e 2021, das 123 publicações, 34 foram de discentes do nosso PPGS.

No intuito de ampliarmos o alcance da revista, também entre discentes de outras universidades e programas, já no contexto de pandemia, propusemos a criação do Mosaico Sociológico e dos Ciclos Formativos – eventos que, no momento, seguem de forma remota. O primeiro consiste em uma mesa-redonda que visa apresentar o cruzamento de trajetórias entre docentes, discentes e ex-discentes do PPGS, vinculados a uma mesma linha de pesquisa. O intuito do Mosaico é o de apresentar possibilidades teórico-metodológicas através dessa partilha de experiências e, assim, contribuir com nossa imaginação sociológica frente à interpretação do contexto em curso e à condução das nossas próprias pesquisas.

Já os Ciclos Formativos propõem a realização de oficinas, ministradas por integrantes da equipe da Áskesis, tratando de temáticas vinculadas à escrita científica, tais como o cumprimento da norma culta da língua portuguesa, bem como as normas ABNT – pautas do nosso primeiro ciclo, conduzido pela doutora Ana Carolina da Costa dos Anjos.

### **Da nossa travessia...**

Em abril de 2019, quando resolvemos assumir a gestão da Áskesis, sabíamos que a condução de suas atividades estava comprometida tanto pela escassez de auxílio financeiro quanto pela equipe editorial bastante reduzida. O primeiro desafio seria finalizar uma edição em andamento e começar a reestruturar a equipe. A princípio, a equipe foi composta por dois discentes. Logo em seguida, o convite para compor essa gestão foi estendido a outros dois colegas, tendo uma delas já trabalhado como assistente editorial na Revista Contemporânea, e o outro como editor na Florestan, a Revista da Graduação em Ciências Sociais da UFSCar.

Entretanto, tudo era muito novo e ainda estávamos incertos de como colocar a revista para funcionar, embora não nos faltasse vontade e dedicação. Foi neste meandro de incertezas que publicamos o primeiro volume assinado pela nova equipe (REVISTA ASKESIS, 2018). De início, as funções ainda não estavam muito definidas. Além de nos debruçarmos nos tutoriais do sistema utilizado pela revista, cada um ajudava como podia, assumindo o fluxo das avaliações, revisões textuais, produção de conteúdo, divulgação midiática e diagramação.

Uma das principais preocupações naquele momento era colocar as submissões da revista em dia e organizar internamente o sistema, sobretudo recuperando a lista de pareceristas cadastrados e compreendendo o fluxo das avaliações que já estavam em andamento no sistema.

A essa altura, já havíamos lançado um edital que circulou entre os e as discentes do PPGS/UFSCar, visando à seleção de novos/as integrantes para assumirem as tarefas da revista. Além de novos/as pareceristas, conseguimos atrair discentes para contribuírem com a nossa equipe editorial nas funções de revisão de gramática e ABNT, assistente de comunicação e editor/a de seção.

Cumpridas essas etapas de reconhecimento da situação da revista, a integração de novos membros e a posterior retomada do fluxo das avaliações, sentimos a necessidade de acrescentar algumas diretrizes a serem seguidas pela própria equipe editorial que estava se formando. A principal delas dizia respeito à organização dos futuros volumes da revista. Vislumbramos abarcar uma maior variedade de temáticas, além de alcançar a produção sociológica de outras instituições, expandindo as fronteiras do estado de São Paulo.

A primeira dessas diretrizes, amplamente conhecida pela comunidade editorial, era de que apenas um terço das publicações dos discentes ou docentes internos ao nosso PPGS que passassem pelo processo de *double-blind peer review* seria publicado por volume. Tal regra obteve êxito. Se observamos as publicações anteriores à nossa gestão, entre 2017 a 2019, a porcentagem de publicações internas era de 41%. Em nossa gestão, essa taxa ficou em cerca de 20%. Entretanto, para conseguir que mais pessoas externas ao programa enviassem artigos para avaliação, era preciso ampliar o alcance da revista. Assim, focamos em formas de divulgação – tanto para chamadas, quanto para divulgação das edições.

Para tanto, uma das estratégias utilizadas consistia na criação de uma lista de e-mails dos institutos/departamentos de Sociologia e Ciências Sociais de todo o Brasil, assim como de alguns departamentos de humanas da América Latina. Também passamos a divulgar nossas chamadas em inglês, visando alcançar um público maior. Reativamos o perfil no *Facebook* e criamos um perfil no *Instagram*. O resultado dessas estratégias pode ser observado em nossa Edição Especial (In)cômodos (BREDA, et. al, 2020), lançada no contexto da pandemia, na qual tivemos oito artigos publicados da região sudeste, três da região nordeste, um da região sul e um da região centro-oeste. Embora ainda haja uma predominância da região sudeste, outras três regiões também puderam ser contempladas.

Uma segunda diretriz abrangia as temáticas e a organização dos dossiês. Optamos, nesse momento, pela divulgação de editais entre os e as discentes do PPGS/UFSCar, abrindo a possibilidade para que convidassem membros externos ao programa a contribuírem com a construção e condução da proposta de dossiê. Desta maneira,

poderíamos evitar negociações internas à Revista para a escolha dos próximos organizadores e temáticas.

A fim de contemplar uma maior amplitude de temas, delineamos no edital alguns critérios. O primeiro deles era a prioridade de temas que não haviam sido tratados pelos dossiês publicados nos dois anos anteriores na Revista. Ademais, um segundo critério, sugerido pelo então coordenador, o prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran, objetivava propor que o tema dos dossiês contemplasse ao menos dois grupos de pesquisa do nosso programa. Por consequência, evitaríamos o monopólio da organização em apenas um grupo e, ao mesmo tempo, geraríamos temáticas e diálogos transversais.

O primeiro dossiê que segue este modelo, publicado no volume 9, número 1 em 2020 é intitulado: “Entre fronteiras: as juventudes negras e o conflito urbano contemporâneo”, contando com a organização de Engel Rodrigues, Janaina Maldonado, Luana Ruy e Simon Jara, membros do NaMargem – Núcleo de Pesquisas Urbanas, coordenado pela profa. Dra. Luana Dias Motta, e do grupo Textura da experiência: Sociologia e Estudos da Diáspora Africana, coordenado pela profa. Dra. Priscila Martins de Medeiros (REVISTA ÁSKESIS, 2020).

### **Agregando novas peças**

As trocas de experiências e o comprometimento de toda a equipe, colaboradores e colaboradoras, fomentam um ambiente mais coeso de trabalho. Com o passar do tempo, conseguimos ampliar a equipe, e as funções começam a ganhar contorno, o que possibilita a criação de um núcleo de editores de seção, um núcleo de revisão textual e um núcleo de produção e divulgação midiática. Com novas pessoas engajadas, passamos a resolver as pendências com agilidade e, então, tornou-se possível dedicar a atenção para outras questões da revista, como a reformulação do seu logo e *layout*.

Figura 1. Atualização do logo



Fonte: Acervo da Áskesis.

Figura 2: Atualização do *layout*



Fonte: Acervo da Revista Áskesis (2018, 2019).

Com essas atualizações no *layout*, buscamos trazer um aspecto mais moderno, que também permitisse que a leitura ficasse mais fluída. Outros elementos importantes também são acrescentados. Na primeira página do artigo, no topo esquerdo, por exemplo, adicionamos o título da seção, no topo direito, o ISSN da revista e o DOI do artigo. Tornamos obrigatório que a primeira nota de rodapé apresentasse o/a autor/a, junto a sua instituição, e-mail e número do Orcid. Seguindo as recomendações de padronização de publicação acadêmica, a partir da segunda página, de modo intercalado, na parte superior da página, consta-se o nome do(s) autor(es) e o título do artigo. Na última página

do artigo, também optamos por repetir as informações de ISSN e DOI, assim também como acrescentamos “Como citar este artigo”, seguindo as normas da ABNT. Deste modo, para leitores e leitoras que desejarem citar o artigo neste formato, basta copiar as informações disponibilizadas. Essa estratégia foi utilizada na medida em que as revistas e autores dependem dos índices de métricas de citação. Uma citação feita de modo incorreto não contabiliza para o indicador. Assim, fornecendo a citação adequada, elimina-se o risco de não ter a citação contabilizada.

Um segundo avanço possível devido à reestruturação da equipe, a delimitação dos cargos e as trocas de experiências, foi dar maior atenção à divulgação *online* para além do próprio site da revista, hospedado na plataforma OJS. Como argumenta Porto (p. 151, 2009):

A forma interativa de disponibilizar informações e conhecimentos on-line marca um novo desenho de comunicação. O vasto repositório de informações tornou-se

acessível ao grande público leitor. Acredita-se que a divulgação científica on-line poderá viabilizar uma maior proximidade entre a ciência e o senso comum.

A Internet está estabelecida como um importante suporte de divulgação. O crescente número de sites deste tipo marca uma mudança importante nos processos de produção, veiculação e consumo das notícias. Alteram-se de forma radical todo o dinamismo e velocidade da produção e circulação da informação.

Sabendo da importância das redes sociais, visamos utilizá-las tanto para impulsionar nosso conteúdo quanto para os leitores, assim como também como buscar novos autores e autoras para publicarem com a gente. Os meios de circulação do conteúdo são uma etapa fundamental dentro da produção e divulgação científica. Neste sentido, buscamos reativar e dar manutenção às mídias sociais como o *Facebook* e *Instagram*. Para isso, algumas estratégias também são adotadas, como manter uma periodicidade de publicações semanais, divulgar nossas chamadas e lançamentos em diversos grupos acadêmicos presentes nas mídias sociais. Optamos, ademais, pela divulgação individual de trabalhos que compõem as edições lançadas. Pensando ainda em visibilizar publicações mais antigas, criamos publicações regulares intituladas “Arquivo Áskesis”, em que uma vez por semana algum artigo das edições anteriores é exibido na nossa *timeline*. Outras publicações

como “Motivos para ser parecerista”, “Conheça nossa equipe”, “Da submissão a publicação: você conhece quais são os passos do fluxo de trabalho da Revista *Áskesis*?”, “Qual a diferença entre dossiê e fluxo contínuo”, “Vocês conhecem nossas regras para submissão?”, estas últimas focadas em um caráter mais instrutivo, partindo de dúvidas recorrentes em nossa caixa de e-mails.

A visibilidade da revista passou a aumentar desde que reativamos as mídias sociais e insistimos em publicações regulares (ao menos duas ou três vezes na semana). Os gráficos gerados pelo *Facebook* demonstram que antes de agosto de 2019, as postagens da página não atingiam mais do que 20 visualizações, em dezembro de 2020 tivemos postagens que alcançaram quase 200 visualizações. Com as postagens regulares houve um crescimento de curtidas, saindo de cerca de 1.200 (em abril de 2019), para quase 2 mil curtidas (em novembro de 2021). Nosso perfil no *Instagram*, criado há cerca de um ano e meio, conta atualmente com cerca de 600 seguidores. Também lançamos uma breve coluna editorial em todas as edições da revista como forma de expressão e diálogo da equipe editorial com nossos leitores e leitoras.

Em paralelo às estratégias de divulgação e reformulação do *layout* da revista, foi possível também nos dedicarmos à implementação do DOI (*Digital Object Identifier System*) – tarefa que nos lançou alguns desafios desde o início. O primeiro deles era de origem financeira. Uma vez que a revista não cobra de seus autores e leitores nenhuma taxa de publicação ou acesso, era preciso ter outra fonte que garantisse o pagamento do DOI – realizado por artigo e em dólar. A coordenação do PPGS/UFSCar passou a assumir a responsabilidade de arcar com essa despesa, e nosso segundo desafio constituía-se em aprender como funciona e se realiza a implementação do DOI. Em diálogo contínuo com um dos representantes da Associação Brasileira de Editores Científicos<sup>6</sup> (ABEC), apresentando-nos pelo Portal de Periódicos da UFSCar, firmamos um contrato e avançamos no aprendizado da etapa de implementação.

Outro avanço importante, e que estava dependente de financiamento regular, dizia respeito à utilização de um Software de anti plágio licenciado, trazendo uma maior seriedade e segurança nos processos de avaliação dos textos recebidos daí em diante.

<sup>6</sup> A ABEC tem um importante papel na centralização, produção e divulgação de normas relativas à publicação e revistas acadêmicas. Ao longo da nossa gestão, alguns membros participaram de processos formativos importantes oferecidos pela instituição, como palestras e congressos com a finalidade de aprenderem e aprimorarem o processo de editoração.

Vale lembrar que deixamos registradas algumas recomendações às próximas gerações da Áskesis, que foram construídas coletivamente. A primeira delas é a manutenção de reuniões periódicas e o contato frequente entre toda a equipe. O trabalho de editoração é complexo e exige uma dedicação contínua. Tais apontamentos, na nossa leitura, contribuem para que as tarefas e a carga exaustiva de trabalho sejam mais bem distribuídas e refletidas.

Outras recomendações tocam na manutenção das publicações e dossiês com temáticas e os organizadores diversificados; nas tentativas de promover o envolvimento de discentes e de docentes do programa nas atividades da revista; na busca por recursos financeiros regulares e, por fim, no acompanhamento das discussões sobre as revistas acadêmicas em âmbito nacional.

### **Notas finais: desafios da gestão editorial das revistas discente**

Quando iniciamos nossa travessia pelos *fazer editorial*, não imaginávamos a quantidade de processos envolvidos desde a submissão de um texto até sua publicação final. Olhando de fora, sempre nos pareceu muito mais simples e não entendíamos, por exemplo, por que um texto leva certo tempo para ser avaliado e publicado. Uma das questões mais complexas neste processo é o papel exercido pelos avaliadores. Como exigir um parecer rápido no processo avaliativo na medida em que os avaliadores trabalham de modo voluntário e estão imersos em tantas outras tarefas que o mundo acadêmico e científico demanda? Seria possível agilizar o processo editorial?

Neste sentido, para além dos nossos esforços em reformular a revista, por meio dessa experiência, a nossa visão sobre o mundo das publicações também se modificou. Percebemos como a revista científica e o processo editorial são extremamente centrais no cotidiano de discentes, docentes e pesquisadores e, ao mesmo tempo, tão desconhecidos por todos nós. Para aqueles que pretendem construir um percurso no campo da ciência, realizar publicações é uma das principais exigências e que não se limita à legitimidade e divulgação de seus estudos, mas também garantem, por exemplo, pontos em concursos, progressão da carreira e prestígio social.

Neste contexto, os desafios do *fazer editorial* não se restringem às questões de financiamento ou do *artesanato* editorial realizado de

modo voluntário pelo comitê que precisa sempre se reinventar, ser polivalente para dar conta das inúmeras e distintas tarefas deste complexo processo. Também houve dificuldade em compreender *o que* e *como* deveria ser feito o processo de editoração visando sempre melhorar a qualidade da revista e sua avaliação externa, como por exemplo a métrica Qualis. Embora existam publicações e manuais sobre boas práticas e ética editorial, eles funcionam mais como indicativos e sugestões – não há muitas informações centralizadas, institucionais, públicas que nos ajudem nessa tarefa, ficando a cargo de cada revista definir suas próprias regras. Uma das estratégias foi consultar os sites e as práticas editoriais de revistas bem conceituadas na métrica Qualis.

Assim, alguns desafios residem, portanto, para além da própria revista: eles se encontram no campo institucional do mundo editorial, no entendimento de como se constroem os indicadores de produção e “qualidade” acadêmica que ditam quais revistas e instituições são mais prestigiosas e quais deveriam receber mais financiamento público.

Outros desafios com os quais as revistas acadêmicas precisam lidar, de modo geral, são os novos parâmetros que correspondem aos “direitos autorais & acesso livre” e à “ciência aberta”, assim como também às novas formas de publicação que têm ganhado cada vez mais legitimidade: *ahead of print* e “publicação contínua”. Soma-se a isso a necessidade de apresentar uma política precisa sobre o que cada revista considera como plágio e autoplágio.

Na esteira desses questionamentos, aproveitamos para agradecer a Revista Ensaio, que por meio do “IV Fórum Revistas Digitais de Discentes em Ciências Sociais”, realizado no 20º Congresso Brasileiro de Sociologia, tem promovido um espaço importantíssimo para que possamos discutir nossas experiências, lançar luz nas “regras do jogo” e, por que não, também as produzir.

### **Referências Bibliográficas**

- ASCESE. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ascese/>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- BREDA, Thalles Vichiato; et al. (Orgs.). (In)cômodos. São Carlos: Áskesis, v. 9. n. Edição Especial, 2020. Disponível em

<https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/issue/view/23>.

Acesso em: 14 nov. 2021.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; GOLIN, Cida; CASTEDO, Raquel da Silva. Produção editorial e comunicação científica: uma proposta para edição de periódicos científicos. In: E-Compós. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. [Porto Alegre]. Vol. 11, n. 2, maio/ago. 2008, p. 1-17.

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. In: \_\_\_\_\_. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 211-243. NAMARGEM - Núcleo de Pesquisas Urbanas. Disponível em: <http://namargem.ufscar.br/>. Acesso em: 13 nov. 2021.

PORTO, Cristiane de Magalhães. A internet e a cultura científica no Brasil: difusão de ciência. In: PORTO, Cristiane de Magalhães (Org.). Difusão e cultura científica: alguns recortes. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 149-165. REVISTA ÁSKESIS. São Carlos, v. 7, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/issue/view/17>. Acesso em: 14 nov. 2021.

REVISTA ÁSKESIS. São Carlos, v. 9, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/issue/view/24>. Acesso em: 14 nov. 2021.

SILVA, Henrique César da. O que é divulgação científica. In: Ciência & Ensino, vol. 1, n. 1, dez. 2006, p. 53-59.

SINGER, Singer. Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Cia. das Letras, 2012, 276 p.

TEXTURAS da Experiência: Sociologia e Estudos sobre a Diáspora Africana. Disponível em: <https://texturasdaexperienciasociologia.home.blog/https-texturasdaexperienciasociologia-home-blog-pesquisadorxs/>. Acesso em 13 nov. 2021.

ZANLORENSSI, Gabriel; SOUZA, Caroline. Orçamentos da Capes e do CNPq caíram 73,4% desde 2015. In: Nexo. 20 de out de 2021(atualizado 26/10/2021 às 16h53). Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2021/10/20/Or%C3%A7amentos-da-Capes-e-do-CNPq-ca%C3%ADram-734-desde-2015>. Acesso em: 10 nov. 2021.